

Ruínas Latino-Americanas - Cidades imaginárias + imaginários multiculturais (Uma proposta de trabalho)¹

*Fabrizio Silveira**

RESUMO

O artigo discute a possibilidade metodológica da realização de “cartografias subjetivas da experiência urbana e migratória”. Sugere a cidade de Porto Alegre e um grupo de imigrantes latinos aí residentes como operadores empíricos da proposição. Nossa hipótese é a de que, quando implementado, esse exercício de investigação poderá revelar certos traços de uma mítica e idealizada capital latino-americana. **Palavras-chave:** Imaginários urbanos; cidades; multiculturalidade.

ABSTRACT

*The article argues the methodological possibility of creating a “subjective cartography of urban and migratory experience”. It suggests the city of Porto Alegre and a group of Latin immigrants resident there as empirical operators of the proposal. Our hypothesis is that, when implemented, this exercise of inquiry will disclose certain traces of a mythical and idealized Latin American capital. **Keywords:** Urban imaginaries; cities; multiculturalism.*

RESUMEN

*El artículo propone la posibilidad metodológica de la realización de “cartografías subjetivas de la experiencia urbana y migratoria”. Sugiere usar la ciudad de Porto Alegre, y en concreto un grupo de inmigrantes latinos residentes en la ciudad, como protagonistas empíricos de la proposición. Nuestra hipótesis es que la realización de ese ejercicio de investigación permite revelar ciertos rasgos de una mítica e idealizada capital latinoamericana. **Palabras clave:** Imaginários urbanos; ciudades; multiculturalidad.*

Dentre os inúmeros comentadores e intérpretes dos escritos do filósofo alemão Walter Benjamin, existe pouco consenso. Um deles – talvez o único, poderíamos dizer, caso aceitássemos correr o risco do exagero e das afirmações excessivamente taxativas – é o fato de que as cidades por ele visitadas ao longo das décadas de 1920 e 30 adquirem amplos significados culturais, afetivos e políticos. O amplo conjunto de textos deixados por Benjamin nos conduz à percepção de uma certa geografia intelectual e íntima. Ao tomar Paris como campo de estudos – como *medium-de-reflexão*² – no *Trabalho das Passagens*, o autor situa a capital francesa justamente no coração dessa particularíssima topografia. Tanto Willie Bolle (2000), quanto Susan Buck-Morss (2002), por exemplo, concordam que vida e obra de Benjamin cruzam-se, confundem-se e traduzem-se graficamente num mapa.

O presente artigo pretende formular, então, a possibilidade metodológica da realização – muito motivada por Benjamin – de algo como “cartografias ou mapas subjetivos da experiência urbana e migratória”. Tal elaboração poderia colocar-se dentre os esforços de interfaceamento dos projetos singulares de investigação que integram o projeto bilateral de cooperação acadêmica Brasil-Espanha, intitulado “Mídia e interculturalidade. Estudo das estratégias de mediação das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Europeia e do Mercosul”³.

Nesse contexto e ao modo de uma nova ‘projetação-pesquisa’, abriria-se 1) a perspectiva de deflagrarmos (e incorporarmos no corpo de nossas investigações – ou de novas e sucessivas investigações que possam se seguir) processos alegóricos ou inconscientes de leitura da cidade e/ou de ambientes urbanos. Processos semelhantes àqueles dos quais Benjamin se vê investido. Para Néstor Canclini (2003:

96), por exemplo, este tipo de aproximação tem conseqüências para a construção da cidadania cultural, porque esta cidadania não se organiza somente sobre princípios políticos, segundo a participação ‘real’ em estruturas jurídicas ou sociais, mas também a partir de uma cultura formada nos atos e interações cotidianos, e em projeção imaginária desses atos em mapas mentais da vida urbana.

Como decorrência lógica, 2) a cidade estaria sendo entendida, fundamentalmente, como uma espécie de ‘arena’ comunicacional e multicultural. O cenário da cidade seria o “teatro de uma guerra de relatos”, como diz Michel de Certeau. “Relatos de uma heterogeneidade cultural, sem dúvida, tensa, que é atravessada pelas clivagens de etnia, sexo, gênero, classe, idade etc; relatos que podem ainda abranger a ação dos grandes relatos da TV e da publicidade, que esmagam ou atomizam os pequenos relatos de rua ou de bairro”, como fala Cordeiro Gomes (2004: 07-08). Em nosso caso, por exemplo, Porto Alegre seria também um *medium-de-reflexão*.

Além disso, 3) do ponto de vista metodológico, afirma-se a possibilidade técnica da realização de “cartografias imaginárias” e da estipulação de confrontos dialético-temporais – para os quais, aliás, os recursos fotográficos (e, em suma, a provocação e o trabalho genérico das imagens) serão sempre bem-vindos. Aliás, essa disposição se acentua quando Willi Bolle (1999: 97-98) comenta que “as relações entre o mapa de uma cidade e a geografia mental de seus habitantes sempre exerciam um fascínio especial sobre Benjamin. Em toda sua obra, podem ser detectadas metáforas cartográficas, como ‘mapa da vida’, ‘esquema gráfico’, ‘rede de coordenadas’, ‘diagrama’ (...)” etc. Dessa forma, no recurso oportuno a essa ambientação epistêmica, podem se amarrar progressivamente nossos interesses pelos convívios urbanos e pelos convívios multiculturais.

Trata-se, então, de esboçarmos mapas simbólicos ou cartografias sentimentais de Porto Alegre. Para tanto, procuraremos, por exemplo, coletar e ouvir relatos de imigrantes – mais especificamente, imigrantes latino-americanos, residentes há cerca de duas décadas, na capital gaúcha. De posse desses relatos, dessas histórias narradas, encontraríamos os fragmentos de uma cidade imaginária, submetida, tanto à perspectiva do tempo (a memória reconfigurada pelos anos que se passaram), quanto ao risco quase inevitável de uma redutora equiparação cultural (o imigrante flagrado em seu mais tenro momento de chegada e de estranhamento – deslumbre, rejeição ou acautelamento – intercultural).

Os pontos urbanos porventura citados causariam tanta surpresa se fossem comparados à lista de pontos turísticos de Porto Alegre? A cidade que chamou a atenção e acabou por registrar-se no imaginário afetivo dos imigrantes latinos, justamente no momento em que se encontravam mais abertos ao impressionamento provocado pela nova terra, é a mesma cidade que ainda hoje chama a atenção e causa orgulho ao cidadão porto-alegrense mais comum?

Para dar conta dessas questões, parece-nos viável, metodologicamente, obtermos descrições de cenários e confrontá-los, em seguida, aos registros atuais desses mesmos locais citados, obtidos via documentação fotográfica ou então em função dos documentos cartográficos disponíveis. Seria possível também armar a conjunção (ou a justaposição) dos registros orais (memorialísticos, afetivos, imaginários, enfim) fornecidos por nossos informantes, concebendo, a partir daí, uma capital latino-americana mitificada e muito paradoxal – ficcionalizada, por certo –, composta de recortes temporais e das impressões subjetivas por ela causadas. Certamente, esses espaços citadinos acionariam lembranças afetivas muito

singulares; seriam compostas por cheiros, por exemplo, por situações características, por personagens típicos, por lembranças dos horários do dia, talvez por traumas ou insucessos pessoais. Assim, qual seria a cor dessa cidade? Que estados de espírito estariam associados a ela? Como estaria povoada?

Trata-se, então, de dar forma a essa grande composição de impressões e fragmentos. De um lado, teríamos as falas de um pequeno conjunto de imigrantes latino-americanos. Essas falas nos permitiriam um primeiro mapeamento e um primeiro registro de alguns pontos urbanos – por hipótese: pontos de acolhida de imigrantes, pontos de referência cultural – tais como bares típicos, praças –, mas também igrejas, prédios públicos etc. Em seguida, como complementação metodológica, teríamos a possibilidade de confrontar essa cidade narrada, essa cidade incrustada na memória, os pontos nela indicados, com o registro desses mesmos locais tal como hoje se encontram (nas fotografias, nos mapas oficiais e nos documentos públicos).

Esta Porto Alegre tão típica – essa peça quase frankensteiniana, entre o fictício e o virtual – estaria viva, estaria ocorrendo, simultaneamente, em muitos ‘terrenos subjetivos’, estaria dispersa em muitas memórias. Refazê-la agora, segundo os instrumentos metodológicos que aqui sugerimos, apanhá-la numa narrativa que assim possa dar-lhe unidade (ao menos a unidade dessa experiência epistêmico-textual) seria também apanhá-la numa certa brecha cronológica, nas múltiplas tensões entre o tempo efetivamente transcorrido (para cada um dos sujeitos convidados à fala) e a envolvente factualidade do presente. Desse confronto de temporalidades (ou temporalizações) subjetivas distintas, poderia emergir, então, aquilo que o crítico cultural John Kraniauskas chamou de *inconsciente colonial* (e que agora, talvez mais

apropriadamente, poderíamos rebatizar como ‘inconsciente multicultural urbano’): o resíduo psíquico no qual a experiência migratória pode redundar.

Cabe reconhecer ainda que o elemento mais propriamente comunicacional (ou técnico-midiático) dessa investigação não se encontra colocado em sua base, como elemento deflagrador do processo de pesquisa ou como elemento ao qual, muito naturalmente, estaríamos direcionados. Aqui, pretende-se tão somente abrir-se à possibilidade de sua aparição. O elemento comunicacional pode surgir, então, nas falas recolhidas, seja como menção, por exemplo, a um cartão-postal que, porventura, tenha gravado a cidade na lembrança (e que tenha motivado, talvez, a curiosidade pela capital gaúcha ou até mesmo sua escolha como destino de viagem); pode vir também como referência ao jornal de um determinado dia, lido num determinado local ou numa determinada situação localizada, e que agora salta à mente como o primeiro emblema (talvez o mais forte emblema) da imersão numa cultura diversa. Poderia ainda ser a lembrança do som de um aparelho radiofônico ou de uma televisão ligada compondo determinado ambiente. De qualquer forma, não se trata de fazê-los aparecer, forçosamente, mas de deixá-los aparecer, caso vierem. E caso apareçam, cabe-nos, então, tomá-los como objetos especiais de reflexão. Outros fenômenos comunicacionais poderiam ser acolhidos da mesma forma: seja a lembrança de uma marca, um *jingle* publicitário, uma mercadoria à venda numa vitrine, um produto qualquer, embalado em rótulos ou cores que tenham chamado a atenção, ou até mesmo uma canção popular que tenha se depositado firme na lembrança. Assim, os elementos comunicacionais (nossas *madeleines*⁴ contemporâneas) figurariam como complementos sugestivos, capazes de sintetizar ou compor memórias – e é assim que nos cabe abordá-

los: respeitando o modo delicado como se condicionam às recordações pessoais.

Não se trata também de estabelecer uma reflexão teórico-abstrata sobre a natureza ou a essência da memória (seja a partir de Bergson ou Halbwachs, seja a partir de Bachelard ou mesmo em função de Benjamin). Antes, interessa-nos obter dados que nos permitam apenas compor a topografia imaginária de um espaço circunstancial de acolhida de imigrantes latinos. Encontraríamos aí algum tipo auto-imposto ou auto-atribuído de ‘guetização’ etno-cultural? Ou, ao contrário, poderíamos assim cogitar o retrato alegórico de uma cidade latino-americana ideal (ou idealizada)? Por ora, cabe reconstruí-la não apenas para uma pessoa, mas para uma experiência – a experiência migratória, a experiência daquele que chega, estrangeiro, à cultura brasileira-gaúcha, e que, nela, impressiona-se e registra em si uma cidade (com todos os seus apelos, comunicacionais ou não).

SOBRE AS ENTREVISTAS

A estimativa é a de que possamos reunir um número considerável de entrevistas com migrantes latino-americanos residentes em Porto Alegre, há cerca de vinte anos. Essa demarcação (praticamente, um pré-requisito) temporal talvez seja suficiente para conferir um certo ‘efeito de perspectiva’ às falas, demandando também algum ‘trabalho da memória’. A princípio, acreditamos que uma dezena de entrevistas abertas – embora pautadas pelas questões abaixo listadas – seja suficiente para montarmos um *mapa memorialístico latino-americano* da cidade de Porto Alegre. Certamente, a própria qualidade (ou o próprio rendimento) desse material irá regular o número de entrevistados procurados e a necessidade de novas e novas entrevistas. É preciso reconhecer também que, obviamente, os encontros entre pesquisador-pesquisado

não devem se restringir a uma aplicação meramente burocrática de uma lista de perguntas; antes, espera-se que tenhamos efetivas situações dialogais, de trocas subjetivas, simpáticas ou até mesmo informais. Já foi dito também que nossos movimentos técnico-metodológicos só se completarão no trabalho de textualização, de montagem narrativa dos cenários lembrados e de inclusão das fotografias do presente desses pontos urbanos. Esses procedimentos todos combinados podem potencializar os paradoxais *geo-historiogramas fotográficos* da capital gaúcha. As dez interrogações que abaixo se seguem tentam suscitar uma certa *memorabilia*, tentam destravar uma série de associações (paralelos, comparações) interculturais que confrontam **a**) capitais e cidades diferentes (Porto Alegre e qualquer outra cidade natal latino-americana) nos mesmos momentos históricos ou **b**) a mesma cidade flagrada em tempos distintos. Além disso, a própria formação étnico-sociocultural dos entrevistados também irá pulverizar outros ângulos, acrescentando novas e maiores complexificações às variáveis (**a** e **b**) acima citadas. Essa composição prismática de respostas possíveis poderá nos ajudar no silenciamento de uma outra pergunta, mais abrangente e talvez ainda mais genuinamente benjaminiana – a pergunta, enfim, que impulsionaria essa peça particular de investigação: o exame dessa ou de qualquer outra metrópole nos permitirá vislumbrar, de relance ao menos, a mítica cidade perdida – a cidade em ruínas – das culturas latino-americanas em trânsito?

Para tanto, mais concretamente, supomos que as seguintes questões possam nos auxiliar:

1. Quando você chegou a Porto Alegre?
2. Por que escolheu a cidade?
3. Como veio?
4. Mais exatamente, o que você lembra da capital gaúcha, na época em que aqui desembarcou? Pode descrevê-la?

5. Nos primeiros dias, o que mais lhe chamou a atenção (lugares, práticas citadinas, hábitos dos porto-alegrenses)? Você sabe dizer como eram? Sabe dizer por que lhe causaram tanto espanto?
6. Que lugares eram aqui freqüentados por seus compatriotas ou companheiros de viagem? Por que essa preferência?
7. Onde seu grupo de amigos e/ou conterrâneos costumava reunir-se? Havia algum motivo em especial? E hoje, como se encontram tais lugares? Costuma ainda freqüentá-los?
8. Para você, quais eram os lugares mais tipicamente 'porto-alegrenses'?
9. Algum local lhe lembrava seu país (ou sua cidade) de origem? Qual? Seria possível descrevê-los e compará-los em maiores detalhes?
10. Em sua avaliação, o que mais se transformou na cidade de Porto Alegre, positiva e negativamente, nos últimos anos?

Nossa expectativa, por fim, é a de que tais elaborações teóricas e metodológicas possam, num futuro próximo, materializar resultados e dados interessantes. Só a implementação do trabalho de campo e a coleta, tanto de imagens fotográficas da cidade de Porto Alegre, quanto de depoimentos de imigrantes que aqui chegam (ou que aqui chegaram já há algumas décadas) podem trazer indícios dos processos simbólicos e subjetivos em função dos quais a experiência migratória e a experiência urbana se imbricam. No momento, fica, então, o projeto de trabalho e a promessa de que a continuidade da investigação contemplará o que foi aqui somente esboçado.

NOTAS

(1) O presente artigo é parte do projeto de investigação “Porto Alegre em Código. Linguagens vivas da comunicação urbana”, desenvolvido pelo autor, a partir de agosto de 2004, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo/RS. Tal projeto se articula às atividades do projeto Brasil-Espanha.

(2) Tradução do termo alemão *reflexionsmedium*, usado por Benjamin para designar a qualidade da obra de arte – ou da cidade, no caso – de proporcionar conhecimento crítico. Mais detalhes em Bolle (1999).

(3) Sobre esse macroprojeto, aprovado simultaneamente pela CAPES (no Brasil) e pelo MECD (na Espanha), articulam-se investigações individuais e menores, tal como a pesquisa que desenvolvemos sobre a paisagem semiótico-comunicacional da capital gaúcha. Assim, diferentes proposições e diferentes grupos de trabalho colocam-se em rota de cooperação, construindo um espaço de trocas e complementações teóricas, metodológicas e epistêmicas. Este artigo não deixa de ser, justamente, uma evidência dessa convergência.

(4) Imortalizadas por Marcel Proust como grandes evocadoras de lembranças, *madeleines* são um tipo de bolinho francês, seco e assado, muito apreciado, ainda hoje, dentro e fora da França. A receita pode ser encontrada em http://www.recettes-et-terroirs.com/recette_detail-19-1519.html.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. Obras Escolhidas II. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. Representação da história em Walter Benjamin. 2ª ed. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2000.

_____. A metrópole como *médium-de-reflexão*. in: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPESP; Annablume, 1999.

BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do Olhar*. Walter Benjamin e o Projeto das Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade como arena da multiculturalidade. Artigo publicado na edição 01, em dezembro de 2004, da revista eletrônica *e-compós*: <http://www.compos.org.br/e-compos>.

KRANIAUSKAS, John. “Cuidado, ruínas mexicanas! *Rua de mão única* e o inconsciente colonial”. in: BENJAMIN, Andrew; OSBORNE, Peter (orgs.). *A Filosofia de Walter Benjamin*. Destruição e experiência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convênio Andrés Bello, 2001 (trad.: Pérola de Carvalho e Mariza Bertoli).

* **Fabício Silveira** é jornalista (UFSM), mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e doutor em Comunicação (UNISINOS). Atualmente, é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (UNISINOS), onde desenvolve também atividades de investigação e orientação de pesquisas de mestrado e doutorado.

